



Operadora:

Bom dia, senhoras e senhores e obrigada por aguardarem. Sejam bem-vindos à teleconferência da Suzano Papel e Celulose para a discussão dos resultados referentes ao 1T06.

O áudio e os slides dessa teleconferência estão sendo transmitidos simultaneamente pela Internet no site www.suzano.com.br/ri. Informamos também que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação da empresa e, em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas quando maiores instruções serão fornecidas. Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a conferência, queiram, por favor, solicitar a ajuda de um operador digitando *0.

A apresentação será feita pelos senhores Bernardo Szpigel, Diretor Financeiro e de Relações com Investidores, Rogério Ziviani, Diretor da Unidade de Negócios de Celulose, André Dorf, Diretor da Unidade de Negócios de Papel, e Ernesto Pousada, Diretor do Projeto Mucuri.

Informamos que algumas informações contidas nesse conference call podem ter projeções ou afirmações sobre expectativas futuras. Tais informações estão sujeitas a riscos conhecidos e desconhecidos e incertezas que podem fazer com que tais expectativas não se concretizem ou sejam substancialmente diferentes do que era esperado.

Agora, gostaria de passar a palavra ao Sr. Bernardo, que iniciará a conferência. Obrigado.

Bernardo Szpigel:

Melhor explanado pelo Rogério, a recuperação do mercado interno, sobre o qual o André poderá falar, a redução de custos e despesas, nesse particular o trimestre foi muito positivo, o crescimento de lucro e margens operacionais, principalmente quando comparados com o 4T05. O bom andamento do investimento do projeto de Mucuri, o Ernesto poderá falar sobre esse assunto, e mais recentemente o anúncio do aperfeiçoamento do modelo de governança corporativa, com a criação do Comitê de Auditoria, e ampliação do escopo em função dos comitês existentes, e já nesse trimestre o anúncio da mudança de CEO da empresa.

Eu quero passar então a palavra para o Ernesto, que vai falar sobre o andamento do projeto de Mucuri.

Ernesto Pousada:

Bom dia a todos. Como comentado pelo Bernardo, o projeto Mucuri está andando bastante bem, o andamento está bastante conforme o previsto e anunciado anteriormente. Tivemos investimentos em bolsos da ordem de R\$ 267 milhões no 1T06, o nosso investimento previsto para o projeto, ele segue na ordem de US\$ 1.190 milhões, ou seja, o número que nós havíamos passado anteriormente, ele



segue na mesma ordem de grandeza, com US\$ 790 milhões ocorrendo durante o ano de 2006.

Então, estamos conseguindo na parte financeira, como mencionado anteriormente, mitigarmos os efeitos cambiais através de negociações, reduções de custo, e diversas ações nas mais diferentes áreas. Em termos de cronograma, é importante mencionar, a obra já está em um ritmo bastante forte, acho que os senhores têm algumas fotos da obra, a parte civil de todas as áreas, de todos os equipamentos já está em pleno andamento, já estamos começando, em todas as áreas, praticamente estacas já começando a erguer alguns prédios, então a coisa está caminhando em um ritmo muito forte, já temos mais de 2.500 pessoas trabalhando na obra, com 75% do nosso orçamento já comprometido, então isso mostra também o nosso esforço bastante grande na redução de custo, e nós temos agora apenas 25% do orçamento que ainda nos resta negociar e tentarmos algumas reduções adicionais.

Em termos de cronograma físico, como eu disse, um andamento bastante bom, se seguimos com a data de 01 de outubro de 2007 com a entrada em operação, e estamos conseguindo manter o ritmo adequado da obra. Em termos de formação florestal, seguimos complementando o pequeno montante que falta para podermos atingir a quantidade necessária para o nosso projeto de expansão.

Muito obrigado, passo agora a palavra para o Rogério Ziviani.

Rogério Ziviani:

Bom dia a todos. Os preços médios líquidos durante o 1T06 ficaram 4% superiores ao último trimestre de 2005, e quando nós comparamos com o 1T05, nós também temos uma elevação de 5,5%, ou seja, chegando a US\$ 524 por tonelada nesse trimestre. Isso também gerou uma estabilidade nos estoques mundiais ao longo do trimestre, e o fechamento de março caiu um dia de produção para 31 dias, quando no último trimestre nós tínhamos 32 dias.

A soma dos fatores que têm levado a essa estabilidade de preços, e a diminuição dos estoques vem da China, que continua tendo uma influência positiva na demanda de celulose durante esse trimestre, apesar do ano novo chinês, no final de janeiro, nós tivemos um trimestre bastante positivo em termos de demanda, ocasionando, inclusive, um aumento de preço que foi anunciado exclusivamente para a China, para a Ásia como um todo, oriundo da China, para o mês de abril.

Outro fator importante tem sido o fechamento de capacidade, que tem influenciado o mercado, também, e que tem feito com que os analistas de mercado revisem suas projeções de preços esperadas para o ano de 2006, 2007 e 2008. Na última publicação do Roger Wright do mês de abril, ele tem aqui uma tabela aonde ele mostra que na América do Norte, de 2001 até 2006 as fábricas efetivamente fechadas até o momento já somam 4.330.000 toneladas de market pulp. Algumas delas são integradas também, mas efetivamente foram 4.330.000 toneladas. O André vai poder falar também um pouco sobre alguns fechamentos de papel.



Com relação à expectativa de preços, no quadro 5, que nós podemos ver, nós temos aí o mês de abril nós estamos praticando US\$ 655 na América do Norte, US\$ 620 na Europa e US\$ 590 na Ásia. Ontem e hoje nós estamos saindo ao mercado anunciando uma nova subida de preços para o próximo mês, já no mês de maio, efetivo a partir do dia 1º de maio, para o mercado da América do Norte e da Europa, consequentemente a América do Norte passará para US\$ 675, e para a Europa US\$ 640. Para a Ásia nós ainda estamos fazendo uma avaliação, como subimos nesse mês nos US\$ 20, para ver o comportamento do mercado e das demais fibras, o que deverá ocorrer ainda até o final dessa semana.

Caso não haja um entendimento de que o mercado vai aceitar esse aumento de preço, nós podemos até prorrogá-lo para o próximo mês, diante de uma análise de mercado.

Então, o mercado está positivo nesse 1T, e o 2T também começa a dar indícios bastante positivos para o setor de celulose.

Vou passar a palavra ao André, e depois ficarei à disposição para as perguntas.

André Dorf:

Bom dia a todos, sobre o mercado de papel, conforme adiantado no conference call do último trimestre do ano passado, o mercado interno de papéis apresentou boa recuperação no 1T desse ano, e o nosso aumento de volume no mercado interno foi de 22,8% em relação ao 1T do ano passado.

Conforme também adiantado, a gente conseguiu atingir 60% do volume vendido de papéis no período no mercado interno, 40% para exportação, o spread de papel já começa a se recuperar, partindo 132 no trimestre passado para 144 em relação à celulose de mercado, e a gente percebe um grande aumento de fechamentos de capacidade de papel, principalmente na América do Norte. Então, alguns analistas estimam que entre o ano passado e o ano que vem, cerca de 1 milhão de toneladas de papel não-revestido sairão do mercado na América do Norte, e a gente percebe alguns distribuidores regionais já procurando fontes de fornecimento offshore. Então, boas perspectivas para a América do Norte em relação às nossas exportações.

Eu passo a palavra agora ao Bernardo, e fico à disposição para as perguntas.

Bernardo Szpigel:

Prosseguindo com a nossa apresentação, iniciando com a parcela do cenário cambial, esse foi um trimestre que teve muito a ver com os vários trimestres que a gente tem tido ao longo desse último ano, pouco mais de um ano, onde nós tivemos uma nova valorização do real entre o início e o fim do trimestre.

Essa seqüência de valorizações só foi interrompida praticamente no 4T05. Abrimos então o trimestre com R\$ 2,34, e fechamos com R\$ 2,1724 por dólar, com a média de R\$ 2,19 de câmbio médio. Isso teve dois efeitos, que são já conhecidos, o primeiro positivo, com a variação cambial contribuindo



positivamente para o nosso resultado, e o segundo efeito negativo, afetando as nossas margens operacionais. Mesmo assim, olhando os destaques do trimestre, no próximo slide, a gente vê que o resultado mostrou sinais bastante positivos na nossa operação.

No 1T06, em termos de volume total, nós vendemos 327 mil toneladas, 12% acima do 1T05. O volume de papel no mercado interno foi 23% acima, como o André já havia mencionado, da mesma forma o volume de celulose no mercado externo foi 12%, a receita líquida acabou ficando praticamente nos mesmos níveis, e aí o grande efeito são os preços médios, uma elevação de preços em dólar no mercado internacional de celulose, nós tivemos a apreciação do câmbio, da taxa de câmbio, que acabou mais que compensando a melhoria de preços, e também uma certa redução de preços no mercado interno.

O custo-caixa de celulose, sem o custo da madeira em pé, ficou em R\$ 434 por tonelada, um bom resultado, indicando que toda a evolução da curva de aprendizado do projeto de otimização da planta de Mucuri, que aumentou a capacidade em 60 mil toneladas nominais a partir de dezembro de 2004, na realidade excedeu esse volume, e nós estamos com uma evolução bastante positiva no que se refere à custo.

O EBITDA do trimestre foi de R\$ 195 milhões, 8% abaixo do 1T05. Em dólares ele foi maior, de US\$ 89 milhões, contra US\$ 79 milhões, .5% acima do 1T05. A margem 3 p.p abaixo, quando comparada do 1T05, 33,4, e cerca de 5 p.p acima do 4T05, refletindo a melhoria operacional da companhia. O lucro líquido do trimestre, de R\$ 152 milhões, reflete o efeito da variação cambial no trimestre.

Finalmente, na composição do endividamento, temos aí uma abertura do endividamento, relacionado às operações atuais, com uma dívida em dólar de US\$ 633 milhões, representando 1,65x EBITDA, temos uma parcela da dívida relacionada ao investimento na Ripasa, de US\$ 341 milhões, e finalmente já o andamento do investimento no projeto Mucuri, de US\$ 175 milhões.

Aqui a gente encerra a apresentação, e se coloca à disposição para as perguntas que vocês possam ter.

Daniela Guanabara, Pactual:

Bom dia a todos. A minha primeira pergunta é para o Rogério, e eu queria entender que ao longo do último mês a gente observou um aumento do gap de preço entre fibra longa e fibra curta, atingindo US\$ 27 por tonelada hoje, segundo o Foex. Eu queria entender se com o anúncio de aumento de preço de curta agora para a Europa e EUA, é de esperar que esse gap reduza, ou a fibra longa deve continuar com a tendência de alta?

Rogério Ziviani:

Bom dia Daniela. As informações que nós temos é que esse gap deve continuar com uma tendência de alta, apesar das novas capacidades do Chile estarem entrando com fibra longa, a demanda por fibra longa também na China continua



bastante aquecida, e um outro fator importante, principalmente originário na Europa, é que o papel couché e o super calandrado, ele vinha trabalhando com uma ociosidade de capacidade de 15% - 20%, ele já está trabalhando a plena capacidade, inclusive os nossos clientes já nos comunicaram que não vão fazer paradas durante o verão, devido a demanda por esses papéis. Houve até uma apresentação em Barcelona há um mês, na qual previa-se até que a Europa poderia se tornar um importador no final do ano de couché, o que todos duvidaram, mas as coisas estão acontecendo positivamente. E couché ainda continua no mercado europeu utilizando uma grande quantidade de fibra longa, por isso essa demanda também vem sendo aquecida e vem pressionando os preços pela própria demanda.

Então, acredito que esse gap deva aumentar, sim.

Daniela Guanabara:

Está ótimo. E a segunda pergunta é com relação a Hainan, pelo que eu ouvi falar Hainan já está voltando a produzir, isso pode afetar a importação de celulose da China no 2S?

Rogério Ziviani:

O que nós estamos sentindo, Daniela, é que a Hainan voltando, porém sem qualidade, e sem, vamos dizer assim, credibilidade por parte dos clientes, o que os estão forçando a utilizar por parte da APP esses volumes dentro das suas próprias operações em suas máquinas, substituindo a importação de mix de hardwood norte-americano. Com isso nós não estamos sentindo qualquer pressão sobre o eucalipto por enquanto e nós não temos projeção para que ele continue influenciando; muito pelo contrário, nós estamos até sendo assediados por clientes, ex-clientes da Hainan, querendo assinar, até, contratos de longo prazo.

Daniela Guanabara:

Então é de se esperar esse ano que aconteça algo parecido com o ano passado; a sazonalidade do 3T, que geralmente apresenta queda de preço, a gente deve ver preços mais fortes esse ano do que o normal?

Rogério Ziviani:

Olha, olhando pelo cenário de hoje, com as projeções que nós estamos vendo de demanda pela capacidade de papel, e que o André também pode falar aqui, que a demanda de papel, principalmente na América do Norte, e agora na Europa, nós estamos mais otimistas, assim como os próprios analistas de mercado que estão revendo seus preços e suas projeções para cima, também. Então, eu digo a você que o cenário está positivo.

Daniela Guanabara:

Está ótimo, obrigada.



Marcelo Aguiar, Merrill Lynch:

Bom dia a todos, e parabéns pelo bom resultado do 1T. A minha pergunta é para o André Dorf, primeiro, André, eu queria entender um pouco o movimento de preços de exportação de seus papéis; obviamente, principalmente não-revestido, para os próximos trimestres, teve alguns anúncios de aumentos; no 1T acredito que isso não foi refletido completamente no resultado. Eu só queria entender o que poderíamos ver de aumento de preço de exportação para os próximos trimestre.

André Dorf:

Pois é, bom dia. A gente já teve dois anúncios de aumento de preços; a gente já anunciou isso, bem como os grandes produtores do hemisfério norte, o primeiro em fevereiro e o segundo em abril; é bom que se diga que o mesmo aumento tendo sido anunciado em fevereiro passa a refletir nos resultados do 2T, por causa do lead time. Então, a expectativa é que esses dois aumentos passem a impactar positivamente os nossos resultados do 2T e 3T.

Adicionalmente, começamos a ver um cenário positivo para futuros aumentos também a partir do 2T, então, alguns produtores americanos sinalizando novos movimentos para a metade do ano, junho, e eventualmente 2S. Então a gente deve ter, em dólares, um impacto positivo nos nossos preços de exportação. E a tradução disso em reais fica por conta do cenário cambial.

Marcelo Aguiar:

André, você poderia ser um pouco só mais específico em termos de percentual de aumento, de fevereiro e de abril, só para lembrar a audiência aqui?

André Dorf:

A gente anunciou algo como US\$ 60/tonelada em fevereiro e abril.

Marcelo Aguiar:

US\$ 60 para os dois, ou US\$ 60 em cada um?

André Dorf:

Total US\$ 120, e isso para América do Norte, e que acaba tendo impactos diferentes em América Central e Europa, então a gente deve ter um percentual desses US\$ 120 na média ponderada dos nossos preços.

Marcelo Aguiar:

OK. Agora falando de mercado interno, André, o que a gente pode esperar de preço de papel? E o que a gente pode esperar de demanda para o ano, com base nesse bom 1T?



André Dorf:

O preço médio do 1T ficou muito impactado pelo mix, a gente teve um forte percentual de não-revestidos, principalmente destinados à exportação de cadernos, então, a expectativa é que a gente tenha um pequeno aumento no preço médio. Eu continuo com aquela afirmação do conference call passado de que a gente deveria trabalhar com algo como 5% médio contra médio dos anos ao longo do ano, sem fazer nenhuma projeção para o trimestre, alguma projeção pontual de aumento de preços, mas a tendência é positiva, nós continuamos vendo o mercado interno com bons olhos para esse ano, em função de Copa do mundo, eleições, que influenciam bastante os papéis, papel cartão, e os papéis promocionais, revestidos principalmente. E, com relação ao não-revestido, tem o programa de livro didático do governo, que está sendo anunciado, então, também tem aí um potencial de aumento de demanda por papel não-revestido.

Marcelo Aguiar:

OK, agora eu sei que o segmento de cartões não é tão relevante em seu business, eu só queria entender, parece que foi anunciado aumento no segmento de cartões por concorrente de vocês, eu queria confirmar se vocês estão vendo aumento de demanda tão forte que justifica aumento de cartões em termos de 10% no mercado interno?

André Dorf:

O mercado de cartão é, sim, relevante para Suzano; temos aproximadamente 20% do nosso mix de papéis destinado a papel cartão, e o que nós tivemos – é bom se que diga antes de comentar dos aumentos de capacidade – um fechamento que nós tivemos no passado recente da Itapagé, um fechamento temporário, e não vemos chance de volta dessa capacidade no próximo ano e meio.

Com relação a aumento de capacidade...

Marcelo Aguiar:

André, desculpa interromper, eu tinha falado aumento de preço de cartões, OK.

André Dorf:

Sim. A gente tem acompanhado aumento de preços no papel cartão, em função da demanda também, a demanda continua forte, e também por falta de oferta. Como eu disse, a Itapagé já anunciou fechamento de capacidade, e a gente percebe o mercado de cartão crescendo bastante, então, segundo dados da Bracelpa, o mercado cresceu 15% de cartão no 1T06 vs. o mesmo período de 2005. Então, a demanda continua aquecida, num ano de eleições e de Copa do mundo esse mercado deve continuar aquecido, e apresentando preços um pouco melhores do que o 4T do ano passado.



Marcelo Aguiar:

Então, um aumento de 10% realmente ocorreu no segmento de cartões já agora em abril?

André Dorf:

Aconteceu um aumento, não sei se foi 10%, não estou com esse número aqui na mão, mas aconteceu um aumento, sim, em torno disso.

Marcelo Aguiar:

OK, muito obrigado, André.

Luiz Otávio Broad, Ágora Sênior:

Bom dia a todos, eu queria saber se para o resto do ano vocês esperam manter essa relação de 60% do volume de papel no mercado interno e 40% no mercado externo.

André Dorf:

Sim, esse é o nosso target, e vemos a condição de demanda para conseguir manter essa relação mercado interno-exportação; então, o nosso objetivo é manter 60%-40%.

Luiz Otávio Broad:

Muito obrigado.

Marcelo Aguiar, Merrill Lynch:

Eu tenho mais algumas perguntas, já que não tem mais ninguém na fila. Seria para o Bernardo Spiegel, em relação a custo-caixa; obviamente surpreendeu o mercado essa performance no 1T. Eu queria entender o que a gente pode ver de performance de custo-caixa de celulose para o resto do ano, se é daqui para cima ou se ainda existe um potencial para baixo, excluindo efeito câmbio – supondo que o câmbio vá ficar no mesmo patamar do 1T.

Bernardo Szpigel:

Marcelo, eu acho que estamos atingindo os níveis de referência do nosso custo-caixa; trabalhar para reduzir a gente vai, se vamos efetivamente conseguir... nós já estamos com níveis bastante próximos do que seria possível conseguir. O desempenho continua bom, nós tivemos, em termos de volume de produção também a possibilidade de melhorar um pouco; isso poderia ajudar mais para frente. A gente vai tentar fazer algumas melhorias em relação a esse custo, mas ele já indica próximo dos níveis que a gente deverá encontrar nos próximos trimestres.



Marcelo Aguiar:

OK. Agora uma pergunta para o Rogério Ziviani. Rogério, claramente está surpreendendo a performance dos estoques, continua a surpreender os estoques mundiais. Se a gente olhar a performance histórica dos estoques no segundo trimestre do ano, ou seja, junho comparado com março, normalmente cai cinco a seis dias de estoque, o estoque mundial, isso nos últimos dez anos, obviamente isso pode não se repetir neste ano. Mas a minha pergunta é a seguinte: com base em todo esse *speech*, acho que *bullish across the board*, que pelo menos é a visão, o mercado tem mudado bastante, com fechamentos de capacidade, *downtimes*, problemas de suprimento de madeira, a gente pode observar os estoques mundiais chegando a vinte e cinco, vinte e seis dias, ou seja, seguindo o *leading* histórico no final de junho, isso fazer com que o segundo semestre tenha performance de preço bem diferente do que o mercado está estimando, eu queria entender um pouquinho a sua visão em relação a isso.

Rogério Ziviani:

Bom Marcelo, é difícil responder sobre o terceiro trimestre. Eu diria pra você que o segundo trimestre ele tá realmente com indicações bastante positivas, com relação ao terceiro trimestre nós sabemos de toda a influência que existe das paradas de máquinas em todos os mercados pra manutenção, férias coletivas e tudo mais. O aspecto positivo é que o papel couchê, como eu coloquei, ele fez o primeiro sinal e aquele que estava com capacidade ociosa e começa a se tornar até uma capacidade de importação na Europa, o mercado está se mostrando bastante positivo com relação a isso. Os estoques chegam a um patamar de vinte e cinco dias, eu tenho dúvidas em relação a isso devido à questão logística disso tudo também, nós temos que olhar o aspecto logístico e porque conforme saem os fornecedores locais o fechamento de fabricas no próprio mercado norte-americano faz com que o número de dias de estoque médio de produção possam até vir a subir um pouco.

Digo isso porque o peso do Brasil, do Chile e da própria Rússia começa a ficar muito maior do que o próprio mercado norte-americano, que tem um estoque muito menor porque ele atende muito mais o seu mercado local. Então, se a gente for olhar por aí, vai ter que tomar um pouco de cuidado para aguardar um pouco para ver o quanto esse patamar vai mudar vis-à-vis da produção com as capacidades instaladas, entendeu? Porque o trans-in-time hoje ele está ficando cada vez maior uma vez que os locais começam a fechar. Então essa é uma análise, que outro dia inclusive eu conversei com o Roger Wright que é uma coisa que nós devemos começar a olhar, olhar de perto porque esses fechamentos têm uma influência nos dias de estoques de produção. Então, para fazer qualquer projeção para vinte e cinco dias agora, eu acho bastante arriscado neste momento fazer qualquer ponderação neste sentido.

Marcelo Aguiar:

Agora Rogério, uma pergunta que é recorrente por parte da comunidade de investimentos, queria entender um pouco a sua visão, a questão do mix de consumo de fibra, que você tem a América do Norte e Europa, provavelmente



consumindo muito fibra longa para fabricar produto de qualidade como o não-revestido e até alguma coisa do revestido. Eu queria entender, com base em todo esse fechamento de capacidade em fibra longa que tem acontecido, se você tem ou já viu alguma estimativa do quanto a gente pode ver de adição de nova demanda inexistente para celulose de fibra curta, devido a essa mudança de mix no consumo de papel, da fibra no papel.

Rogério Ziviani:

É difícil de dar um número, quantifica-lo, mas diante das expectativas, por exemplo, as novas máquina de papel entrantes no mundo, já falei isso algumas vezes, elas estão todas, todas elas tecnicamente desenhadas para a utilização de fibras curtas. Então, hoje em dia, já não 'existem mais, no mundo e nos mercados emergentes com as máquinas novas de papel, eles produzem qualquer papel da linha uncoated e coated e até do super calandrado, você consegue produzir com 100% de eucalipto, como nós já fazemos no Brasil com as nossas próprias máquinas. Então, essa tendência, ela por si só já dá um direcionamento no mercado.

Com relação à substituição, eu acho que o grande trabalho que todos os produtores de fibra curta e principalmente de eucalipto vêm fazendo com a entrada das suas capacidades, e é um trabalho que nós estamos fazendo intensamente, justamente estar junto com esses produtores de papéis que utilizam fibra longa e começar a substituição por fibra de eucalipto, que basicamente são pequenas alterações que devem ser feitas, principalmente em relação ao refino. Então, são investimentos pequenos, para o aumento de um consumo maior de fibra curta, porém necessita sim que tenha um aprendizado com relação a isso. Muitos já estão dispostos com um grande medo dos fechamentos que estão acontecendo das fibras longas, por isso que eu acho que essa mudança, essa tendência de mudança a médio prazo, isso vai acontecer e acredito que com a entrada dessas novas capacidades de fibra curta, nós viremos mais e mais essa tendências na utilização de fibra curta. A fibra longa vai ficar para pastéis muito especiais, em máquinas que não vale pena e não têm condições por causa da questão toda da parte de secagem da máquina, porque aí já é um problema técnico, que a secagem dessa máquina é muito pequena e você não tem como alongar essa secagem, conseqüentemente, ela precisa utilizar fibra longa pela capacidade de drenagem que ela tem.

É uma questão técnica. Aí não vale a pena mudar. Aí realmente não vale a pena mudar e fazer investimentos porque você não vai ter pay back e não tem nem como fazer tecnicamente esse investimento. Então, continuará existindo porque são máquinas que terão que usar fibras longas. Então eu digo que é difícil, a resposta é... vai continuar esse gap de vinte e sete e trinta e cinco dólares e eu acredito que alguns analistas estão ponderando que poderá chegar até cem dólares no futuro, porque não há investimento em novas capacidades de fibras longas, a não ser essas do Chile que alguns dizem que só têm licença para operar 50% da capacidade. Então vai ser uma oferta muito menor de celulose do que estavam todos prevendo, principalmente de fibra longa, aonde tem uma maior utilização de químicos na hora de fazer o próprio branqueamento dessas fábricas



o que polui um pouco mais, então eles devem estar optando por fazer um pouco mais de fibra curta. Então a oferta de fibra longa está cada vez diminuindo.

Marcelo Aguiar:

Muito obrigado.

Palestrante:

Eu queria agradecer novamente então a participação de todos, esta teleconferência sobre os resultados do trimestre, este foi um bom trimestre, sobre vários aspectos para a companhia com muitos fatos importantes que a gente tratou, e aguardamos então todos para a nossa nova teleconferência no trimestre que vem, ou antes, na primeira oportunidade. Muito obrigado.

Operadora:

O conference call da Suzano Papel e Celulose está encerrado. Agradecemos a participação de todos, e tenha um bom dia.